

# Morre, aos 72 anos, única sobrevivente da Casa da Morte

**(O Estado de S. Paulo, 27/04/2015)** Depoimentos da ex-guerrilheira Inês Etienne Romeu foram fundamentais para denunciar principal centro de tortura da ditadura

Morreu na manhã desta segunda-feira, 27, aos 72 anos, a ex-guerrilheira Inês Etienne Romeu, única sobrevivente da Casa da Morte, em Petrópolis, cidade na região serrana do Rio. O imóvel foi um dos principais centros clandestinos usados pelo Exército para detenção ilegal, tortura, execução e ocultação de cadáveres de presos políticos nos anos 70 do século passado, durante a ditadura militar.

**Leia mais:** [Nota de pesar pelo falecimento de Inês Etienne Romeu \(SPM, 27/04/2015\)](#)

Mineira de Pouso Alegre, Inês enfartou por volta das 5 horas enquanto dormia em casa, em Niterói (município na Região Metropolitana), disse um dos irmãos, o jornalista Paulo Romeu, de 69 anos. “Foi um enfarte muito forte, o médico disse que não poderia ter feito nada.” A cremação do corpo está marcada para as 14h30 desta terça no cemitério Parque da Colina, em Niterói.

As informações mais importantes sobre a Casa da Morte foram conhecidas a partir do depoimento de Inês e acabaram confirmadas por documentos produzidos pelo próprio Estado. “Ela foi uma combatente da ditadura que sempre lutou pela democracia. Pagou um preço alto, mas nunca se arrependeu”, disse o irmão.

Inês foi presa em 5 de maio de 1971 por agentes comandados pelo delegado Sérgio Paranhos Fleury, em São Paulo sob a acusação de fazer parte da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e participar do sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher. Ela foi levada à Casa da Morte, onde ficou presa, submetida a torturas e estupros, de 8 de maio a 11 de agosto de 1971. Sua prisão só foi documentada em 7 de novembro daquele ano.

Inês cumpriu oito anos de prisão. Ela conseguiu convencer os agentes de que colaboraria com o Centro de Informação do Exército (CIE). A Justiça então a transferiu para o presídio de Bangu. Em 29 de agosto de 1979, com a promulgação da Lei da Anistia, foi libertada pesando por volta de 30 quilos e fez a denúncia apontando, inclusive, o endereço do local.

Uma semana depois, compareceu à sede do Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), no Rio, para registrar seu testemunho. Na denúncia, identificou torturadores e carcereiros, o dono do imóvel, Mario Ladders, e militantes desaparecidos que passaram pela casa.

Em fevereiro de 1981, quase dez anos após a prisão, ela ajudou a localizar a casa em Petrópolis, cuja planta havia desenhado em 1971. A pedido da Comissão Nacional da Verdade (CNV), Inês reconheceu, por meio de fotografias, alguns de seus torturadores.

Em 2009, Inês recebeu o prêmio Nacional de Direitos Humanos, na categoria Direito à Memória e à Verdade.

“Foi uma heroína brasileira. Graças a ela e tão somente a ela descobriu-se a existência da famigerada Casa da Morte, onde foram supliciados e mortos dezenas de perseguidos políticos. Ela foi a única a escapar viva”, disse o presidente da Comissão da Verdade do Rio, Wadih Damous.

Segundo ele, a comissão apresentará à Câmara de Vereadores de Petrópolis pedido para que a rua onde fica o imóvel onde funcionou a Casa da Morte ganhe o nome de Inês. A Comissão da Verdade também defende a transformação do imóvel em um espaço de memória. “Inês Etienne merece que o povo brasileiro saiba da sua luta. A história já foi contada por ela, mas é necessário que os arquivos do Centro de Informações do Exército sejam abertos e que os agentes torturadores sejam ouvidos e responsabilizados por seus atos”, disse Damous.

*Felipe Werneck e Diego Moura*

**Acesse o PDF:** [Morre, aos 72 anos, única sobrevivente da Casa da Morte \(O Estado de S. Paulo, 27/04/2015\)](#)